



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante visita ao banco de sangue de cordão umbilical e placentário – Rede BrasilCord

Fortaleza-CE, 08 de junho de 2010

Bem, primeiro, estava decidido, cinco minutos atrás, que nós não iríamos falar, que era só uma visita para a imprensa registrar para o povo do Ceará e do Brasil que ter um banco da qualidade deste banco de sangue não é mais um privilégio apenas dos Estados Unidos, da Alemanha, de São Paulo ou do Rio de Janeiro, que o Nordeste também pode ter o seu banco de sangue. Isso é uma coisa extraordinária.

Segundo, já que todo mundo falou, eu penso que nós, que fomos constituintes e que aprovamos a criação do SUS, nós sabemos o quanto nós apanhamos durante tantos anos, “que o SUS era uma porcaria, que não valia nada, que não prestava para nada e que não sei das quantas”. Na verdade, o SUS resistiu pela competência de milhares de profissionais brasileiros que acreditaram que era possível criar um sistema de saúde público capaz de cuidar da população com mais qualidade e com mais dignidade. Nós ainda não chegamos ao que nós queremos.

Mas quando você chega num estado como este, do Ceará, ou chega num outro estado do Norte do país e você percebe que por aqui também estão chegando essas coisas que, teoricamente, aqueles que governaram o Brasil algum tempo atrás diziam que só podia ter nos Estados Unidos, que só podia ter não sei onde, a gente pode dizer: não, também no Ceará o povo pode dizer “nós podemos”. “Nós podemos, nós queremos, nós criamos e nós vamos ter o nosso banco de sangue aqui, da melhor qualidade e com os melhores profissionais deste país”, até pelo sucesso da quantidade de transplantes que vocês estão fazendo.



A segunda coisa que eu acho importante é que nós estamos vivendo um momento no Brasil que eu considero, assim, um momento meio mágico. Vocês haverão de se lembrar que algum tempo atrás a gente sentava num bar para jantar com os nossos amigos, ou a gente ia à casa de um amigo visitar, ou a gente sentava com o amigo para tomar cerveja, o prazer de todos nós era ficar falando mal do governo e ficar dizendo que as coisas não funcionavam: “Isto aqui não presta, tudo aqui...” Até a cerveja brasileira, eu falava: “Não, a importada é melhor”. Nós tínhamos a mania de achar que nós éramos cidadãos de segunda categoria e que tudo que vinha de fora era de primeira categoria. Era assim este país.

Não sei se vocês perceberam que hoje o nosso PIB teve um crescimento exuberante. Não é tudo o que nós queremos, mas é um crescimento estupendo, que há muito tempo o Brasil não conhecia algo similar.

Mas, mais importante é que eu fui hoje no BNB, e o presidente do BNB disse uma coisa que deve ter deixado o Cid orgulhoso e eu orgulhoso, porque quando nós chegamos no governo, em 2003, a gente constatou que o BNB tinha emprestado, em 2002, R\$ 260 milhões. Era todo o dinheiro que o BNB tinha emprestado em 2002, com inadimplência de 37,5%. Em 2010, ou melhor, em 2009, o Banco emprestou R\$ 22 bilhões, com inadimplência de 3,3%, numa demonstração de que prevaleceu aquela máxima que a gente aprendia desde pequeno: o povo mais pobre é bom pagador porque ele só tem o nome como patrimônio, só tem o nome como patrimônio e a cara dele, que ele tem vergonha de dever. E a gente percebe que é exatamente nos grandes empréstimos que tinha um percentual maior de dívida.

Isto aqui é uma coisa que explica o momento que o Brasil está vivendo. O Nordeste tinha menos mestres, agora tem mais mestres; tinha menos doutores, agora está tendo mais doutores. Um banco como este, que era só para uma parte do Brasil, está vindo para cá.

Quando o companheiro Franklin Martins resolveu adotar a política de



distribuição dos recursos federais para publicidade do governo e que ele adotou o critério técnico... O que é o critério técnico? É dar para todos aquilo que todos têm direito. Teve gente que tinha muito, que perdeu 30%.

Quando nós resolvemos, no Ministério da Cultura, que o dinheiro da Cultura não poderia ir apenas para São Paulo e para o Rio, não é porque a gente tem nada contra o Rio ou contra São Paulo. É porque a gente tem muita coisa a favor do Acre, do Amazonas, do Pará, do Ceará, de Pernambuco, da Bahia, de todos os outros estados do Brasil que têm direito de ter uma partilha do dinheiro da Cultura.

Então, o país está ficando mais igual, está ficando mais justo. Ainda falta muito porque o desajuste é secular. Então, para você fazer um ajuste e tornar os estados mais iguais, vai demorar alguns anos ainda. Mas a verdade é que nós temos um começo exuberante.

No ano passado, depois da crise, me deu uma alegria uma pesquisa sobre consumo no Brasil. Aí, a manchete era a seguinte: “Povo pobre das classes D e E, do Norte e do Nordeste, consomem mais do que as classes A e B da região Sul do país.”

Vocês estão lembrados que no dia 23 de dezembro de 2008 eu fui para a televisão fazer oito minutos de discurso, convocando o povo brasileiro a consumir. Era impossível que um socialista, que sempre foi contra a sociedade de consumo, fosse à televisão pedir para o povo consumir. Por que eu fui? Porque toda a imprensa mundial fazia um terrorismo tão grande da crise, que dizia que o povo não estava comprando com medo de perder o emprego e não poder pagar. Aí eu fui para a televisão para dizer: Se você não está comprando porque está com medo de comprar e não poder pagar porque você vai ficar desempregado, você vai ficar desempregado exatamente se você não comprar. Então, compre com responsabilidade, que a fábrica vai produzir, a loja vai vender, você vai comprar e a economia continua girando.

O dado concreto é que a parte que até então não podia comprar foi às



compras. E é orgulho eu poder dizer que foram os pobres deste país que não permitiram que o Brasil entrasse na crise econômica, como entraram os Estados Unidos, como entrou a Alemanha, como entrou a Europa toda, porque aqui o povo atendeu, o governo tomou todas as medidas, nós compramos bancos, compramos bancos privados, compramos bancos de estados, nós desoneramos o IPI, desoneramos máquina de lavar roupa. Nunca vi as mulheres, como queriam comprar máquina de lavar roupa! Quando nós desoneramos, as mulheres entraram quase... se o marido lavasse louça, elas não iam comprar a máquina.

Então, nós estamos vivendo um momento excepcional, excepcional e eu acho que ainda falta muito por fazer, falta muito. Mas o fato de a gente estar aqui inaugurando um banco de sangue destes, saber que os cordões umbilicais e as placentas que iam ser jogados fora agora podem vir para cá, serem colocados num tubo de hidrogênio... nitrogênio, a quantos graus?

_____: A 190, menos 190.

Presidente: Dá para tomar cerveja nesse negócio aí. A 160 graus...

_____: Menos 190.

Presidente: ...abaixo... Menos 190! Então, é uma coisa realmente motivo de orgulho.

Eu tinha pedido para o Temporão: eu quero que você fale, Temporão, para a imprensa publicar, porque às vezes a gente não fala, a imprensa não sabe, e não publica a razão. É motivo de orgulho, não apenas para o estado do Ceará, que tem um time em primeiro lugar, disputando palmo a palmo com o Coringão, como saber das qualidades, das qualidades da Saúde aqui no estado e a disposição do Governador de fazer os investimentos.



Nós, em nível federal, queremos entregar 500 Unidades de Pronto Atendimento até o final do nosso mandato. É uma... 36 serão aqui no estado do Ceará. Vai ter uma ligação direta com o Samu. Eu, agora, em julho, está na hora de a gente buscar mais 1.850 ambulâncias das 3.200 que nós compramos, e fico feliz com a política de Saúde na área de odontologia. Eu, sinceramente, sempre achei um crime que a boca não fosse tratada como uma questão de saúde pública, sempre achei. Uma vez, eu fui à Escola Paulista de Medicina, eu acho que eles ficaram meio nervosos comigo porque eu não tinha ainda requinte para ser muito cuidadoso com as palavras. Não, não... Mas aí eu disse, porque estavam lá os médicos famosos, todo aquele pessoal de São Paulo, mais famosos do mundo, pelo menos famosos em São Paulo. Eles podem pensar que são do mundo, mas são de São Paulo. Bem, mas aí eu fui falar da saúde bucal e falei: o Brasil é um país engraçado. Por onde sai a comida, é tratado como uma questão de saúde pública, por onde entra não é. É exatamente pela boca que entram quase todas as doenças que nós temos.

Aí eu vim aqui inaugurar um centro de saúde bucal. Eu, na verdade, me enganei com o centro porque eu imaginava que a gente inaugurando um centro em Sobral, em Juazeiro ou em qualquer lugar, que o povo todo iria àquele centro. É um ledor engano. Quem vai àquele centro é o pessoal que mora perto da periferia urbana da cidade. O pessoal do meio do mato não tem tempo de vir.

Eu descobri uma coisa, viu, vou te contar esta... aquele rapaz ali, o Ministro do Desenvolvimento Agrário, é o companheiro que fez... Eu fui para a Alemanha, ele fez uma revista maravilhosa sobre agricultura familiar no Brasil, e eu, muito orgulhoso da minha política de saúde bucal. Quando eu estou no avião vendo a revista, para mostrar para os alemães, eu vejo, numa página dupla, uma galega – deve ser descendente de alemão ou de italiano –, uma galega bonita, uma senhora de uns 50 anos, e ao lado dela um crioulo tipicamente brasileiro, sem nenhum dente na boca. Eu voltei meio puto da vida,



e eu falei: Ô, companheiro, não dá para você colocar um cara com dente na boca, para tirar foto sorrindo, meu querido, para eu levar a revista para a Alemanha? Bem, conclusão: esses dias ele me trouxe a foto do negão já com uma prótese, uma prótese. Por que, por que [para] rico é prótese e [para] pobre é dentadura? É prótese também, maravilhosa, feita pelo programa nosso, medido, moldes tirados, experimentado várias vezes, até que coube na boca. Maravilhosa!

Aí, outro dia, lá em Pernambuco, um cidadão foi conversar comigo e falou: “Presidente, eu não consigo mais comer castanha de caju, mais amendoim, eu não tenho dente”. Ele é um trabalhador que mora num acampamento lá, Fazenda do Trabalhador. Chamei o governador e falei: Governador, manda colocar um dente neste homem aqui, rapaz, tem dentista lá, de graça. Mandou. Aí eu fui à inauguração do navio lá, estava aquele meu companheiro com a dentadura brilhando, parece que ele tinha engraxado, sabe? Aí, ele falou assim: “Ô, Presidente, queria lhe agradecer, porque eu já estou comendo amendoim, estou mastigando coisas que eu não mastigava, Presidente. É tudo mais gostoso. Agora, Presidente, posso lhe fazer um pedido? Me dê um carro de presente”.

Então, agora o Temporão vai me dar um carro de presente, porque como nós descobrimos que muita gente do campo não vai à cidade cuidar dos dentes, nós estamos encomendando 160 ambulâncias para fazer ambulatório odontológico, consultórios móveis, para que a gente vá para o meio do mato olhar a boca das pessoas e tratar as pessoas.

Bom, é isso, é isso. Eu não sei se verei vocês antes das eleições de 2010, não sei se verei vocês antes de terminar o meu mandato, mas, de qualquer forma, eu só posso desejar boa sorte nas eleições de 2010 e, quem sabe, quem sabe, quem sabe, a gente se veja no ano que vem. Mas, aí, eu falei para o Cid: eu quero ir tomar um banho numa praia de... Jericoacoara! Eu só ouço falar, mas vou arrumar uma sunguinha cor-de-rosa e vou à praia de



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

Jericoacoara tomar um banho.

No mais, querido Secretário, parabéns. Cid, parabéns. A nossa Diretora, que disse que é minha fã desde o tempo em que estudava, portanto... não é isso?

Então, gente, olha, que Deus abençoe todos vocês e que o Ceará continue avançando. Parabéns, querido Temporão.

(\$211A)